

## TESTEMUNHOS POÉTICOS: ARQUIVOS DE UMA HISTÓRIA DE MINAS GERAIS EM CHICO ALVIM

### POETIC TESTIMONIALS: ARCHIVE OF A MINAS GERAIS' HISTORY BY CHICO ALVIM

Waldyr Imbroisi<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise de poemas do escritor mineiro Chico Alvim (2004), tendo em vista sua inserção e seu descentramento entre os poetas mineiros cultores da mineiridade. A Mitologia da Mineiridade (ARRUDA, 1990), construída principalmente por ensaístas e cronistas estrangeiros, é ratificada por diversos poetas brasileiros, entre os quais figura Carlos Drummond de Andrade. Entretanto, temos em Chico Alvim um poeta que demonstra não só certos elementos presentes no imaginário da “mineiridade”, mas também poemas em que o mineiro “cordato”, “justo” e “honrado” (ROSA, 1967) dá lugar a um mineiro intransigente, impiedoso e criador de suas próprias leis. Os textos de *O Corpo Fora*, elencado por nós como *corpus* de nossa pesquisa, compõem um mosaico em que é possível entrever o ambiente prosaico e provinciano das Minas Gerais, a partir de uma espécie de coleção de “extratos de fala” (CAMENITZKI, 2005). Tal procedimento – a composição poética por meio de testemunhos de diversas vozes – é, de certa forma, uma proposta de composição de um *arquivo* de testemunhos (RICOEUR, 2008). Buscamos demonstrar como a poesia de Chico Alvim, desvinculando-se parcialmente da mitologia e do imaginário erigidos sobre a mineiridade, cria uma nova história de relações entre os homens do campo das Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Mitologia. Mineiridade. Imaginário. Poesia. O Corpo Fora. Chico Alvim.

**Abstract:** The present work aims at conducting an analysis on some poems by the poet Chico Alvim (2004) from Minas Gerais, in view of his inclusion or not among the poets which carved the myth of “mineiridade”. The Mythology of ‘Mineridade’ (ARRUDA, 1990), built mainly by foreign writers and essayists, is ratified by several Brazilian poets, including Carlos Drummond de Andrade. However, in Chico Alvim’s poetry, there are not only some elements present in the imagery of the typical “mineiro”, but also poems in which the image of the “fair”, “honored” and “kind” “mineiro” (ROSA, 1967) leads to people uncompromising, ruthless and creators of his laws themselves. The texts present in “O Corpo Fora”, selected as the *corpus* for our research, build a mosaic in which we can glimpse the prosaic and provincial environment of Minas Gerais, from a sort of collection of “extracts of speech” (CAMENITZKI, 2005). This procedure – the poetic composition by means of statements from various voices – is somehow a proposal for a composition of an archive of testimonials (RICOEUR, 2008).

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: [embroyler@gmail.com](mailto:embroyler@gmail.com).

We intend to demonstrate how the poetry by Chico Alvim, unbinding partly from the imagery of the mineiro, creates a new history of the relationship among men in the countryside of Minas.

**Keywords:** Mythology. Mineiridade. Imagery. Poetry. Chico Alvim.

## **Introdução: uma história de relações**

*ARQUIVO*  
*Não pode ser de lembranças*  
Chico Alvim

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise de poemas do escritor mineiro Chico Alvim, tendo em vista sua inserção ou seu descentramento entre os poetas mineiros cultores da mineiridade. Para tal fim, nos basearemos em alguns poemas do escritor e em autores como Walter Benjamin (1996) e Paul Ricoeur (2008), em uma perspectiva que se aproxima da Nova História.

A poética de Chico Alvim pode nos oferecer material interessante para a leitura e a composição da história das Minas Gerais, mais especificamente, da história de relações e mentalidades. Vemos, porém, que os poemas analisados chamam a atenção para fatos deixados de lado pela história oficial, composta por meio de escolhas e interpretações. Assim, é forçoso admitir, como faz Benjamin, que um acesso aos fatos “como eles são” não pode ser garantido: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo” (BENJAMIN, 1996, p. 224).

O historiador Paul Ricoeur, refletindo sobre história e narração, diminui a distância existente entre ambas; ele desmistifica, de certa forma, a pretensão à verdade absoluta da história, posto que “os historiadores constroem frequentemente narrativas diferentes e opostas em torno dos mesmos acontecimentos” (RICOEUR, 2008, p.254). O ato de articular historicamente algum texto passaria, necessariamente, por um processo de escolha de documentos, pela construção de um discurso – imbuído, certamente, de determinada ideologia – e analisado de um ponto de vista definido:

A representação no plano histórico não se limita a conferir uma roupagem verbal a um discurso cuja coerência estaria completa antes de sua entrada na literatura, mas que constitui propriamente uma operação que tem o privilégio de trazer à luz a visada referencial do discurso histórico (RICOEUR, 2008, p. 248).

Sob esse ponto de vista, é possível considerar a poesia de Chico Alvim também como um discurso histórico – sendo, por sua vez, como Ricoeur (2008) lembra, oposto a certo discurso oficial. Tanto a história como as descrições de Minas e dos mineiros contribuem para a composição de um imaginário da mineiridade no qual se incluem uma série de características positivas ao mineiro e se eleva, entre outras coisas, sua imagem na política como diplomático e equilibrado. Entretanto, a partir das histórias que se adivinham por trás da poesia de Chico Alvim, encontramos descrições distintas e mesmo opostas a essa imagem que a história ajudou a construir.

É ainda Ricoeur que explicita o meio pelo qual se faz a história. Para o autor, o *testemunho* é a estrutura fundamental que marca a passagem da memória para a história; a partir do momento em que determinada lembrança de alguém é passada para a linguagem escrita, ela deixa de ser apenas uma reminiscência e passa a ser um testemunho, ou seja, um documento histórico. O momento da transcrição dos testemunhos:

é aquele no qual as coisas ditas oscilam do campo da oralidade para o da escrita, que a história doravante não mais deixará; é também o do nascimento do *arquivo*, coligido, conservado, consultado” (RICOEUR, 2008, p.155, grifo nosso).

Ora, é curioso notarmos que o processo mesmo de composição dos poemas analisados consiste em uma transição da memória para a história. No ato de tornar escritas as falas de comerciantes, mães de família e grandes proprietários de terra, Chico Alvim insere seus discursos no plano da história, documentando-os.

A poesia que serve de epígrafe é, nesse sentido, a explicitação direta desse processo de composição. Ao considerar que o *arquivo* não pode ser de lembranças, consideramos que ele precisa ser composto de algo mais confiável, como documentos. Ora, a obra de Chico Alvim nos dá mesmo a impressão de ser um conjunto desses documentos: desde a fala de crianças em dias de brincadeira até de homens com desejo cruel de vingança, *O Corpo Fora* é um apanhado de documentação das vozes de homens e mulheres de Minas. Os poemas “Paixão”, “47 anos” e “Relações” demonstram, por exemplo, relatos de homens e mulheres cuja relação conjugal está sofrendo graves problemas; “Por menos de 50” documenta a inquietude das classes menos favorecidas diante do vertiginoso aumento dos preços<sup>2</sup> e a dificuldade de comprar até mesmo comida; “Amante” e “Pracinha” demonstram a opinião

---

<sup>2</sup> Lembremos que a obra foi publicada em 1988, época em que o país sofria com grande inflação.

conservadora e crítica com relação às mulheres que saem à noite para a praça da cidade ou que deliberadamente se prostituem.

O *arquivo* composto por essa rica gama de documentos não é mais apenas filho da memória, mas sim um apanhado consciente de retalhos de uma história das relações. Essa reflexão metapoética desvela a composição de parte da obra do poeta: a apropriação das falas alheias na escrita dos poemas dá à obra de Chico Alvim a características de acumular testemunhos; a partir do momento em que esses testemunhos estão escritos, passam mesmo a compor a história.

Nessa perspectiva, Chico Alvim escreve uma nova história de Minas Gerais, evocando não só figuras distintas – cujos testemunhos permanecem rigorosamente excluídos da “grande história” – como também desmistificando estereótipos e mitologias criados ao longo dos anos acerca do homem mineiro. Augusto Massi aponta um divertido paradoxo na poesia de Alvim: ele seria o nosso primeiro “memorialista minimalista” (1999, p. 26). Dentro de nossas reflexões, é possível mesmo afirmar que Chico Alvim é um historiador minimalista, que conta a história de Minas e do Brasil por tudo aquilo que se cala em sua poesia.

### **Chico Alvim e a mineiridade em questão**

*As montanhas escondem o que é Minas  
Ninguém sabe Minas  
Só os mineiros sabem  
E não dizem nem a si mesmos o  
irrevelável segredo chamado Minas  
Carlos Drummond de Andrade*

A poesia de Chico Alvim mantém relação interessante com o espaço de Minas Gerais e a mineiridade; por vezes evocando essa noção e por vezes trazendo à tona imagens que divergem dela, Chico Alvim está, de certa forma, inserido no rol de escritores mineiros.

Por mineiridade, entendemos a mitologia construída através dos tempos a respeito de Minas Gerais e do homem mineiro, constituindo aspectos identitários dos habitantes dessa parte do país. Como qualquer visão dessa natureza, a mineiridade é construída a partir de uma visão parcial que foi erigida pelos ensaístas que se dedicaram à descrição física das Minas Gerais e à descrição psicológica dos mineiros, pelos viajantes estrangeiros que passaram pelas terras de Minas e pelos cronistas mineiros. (ARRUDA, 1990, p.29).

Francisco Iglésias aponta que a palavra *mineiridade* foi usada pela primeira vez por Gilberto Freyre, em conferência intitulada “Ordem, liberdade, mineiridade”, na qual buscava traduzir o essencial da cultura e do povo mineiros. Ressalta, ainda, a importância de Auguste

de Saint-Hilaire, cujas descrições de naturalista deixaram não só um retrato da botânica mineira como também um retrato “físico e psicológico” dos habitantes de nossas terras (IGLÉSIAS, 2010, p. 278-281). Iglésias não hesita em considerar Carlos Drummond de Andrade como poeta mais emblemático desta tradição da mineiridade.

Criou-se, a partir de tudo isso, uma imagem do mineiro desconfiado, prudente, discreto, malicioso, conciliador, com apego ao dinheiro e a terra e frequentemente sovina. De fato, Arruda ressalta a caracterização feita pelos viajantes: “O mineiro (...) é *facilmente reconhecido, mesmo entre os brasileiros*, e suas peculiaridades não podem ser explicadas *pela bazófia e pelo culto do dólar*” (1990, p. 58, grifos da autora). Retrata-se, aqui, o apego aos bens materiais que, de acordo com essa mineiridade “canônica”, seria típico do habitante de Minas.

São frequentes, também, apontamentos que ligam o espaço geográfico de Minas Gerais a características que lhes seriam correspondentes, como quando isolamento e calor eram ligados ao ócio e a certa apatia (ARRUDA, 1990, p. 53) ou quando o caráter pensativo e sério é dado como resultado da interiorização a que o clima montanhoso induz (ROSA, 1967).

Outras características positivas como a hospitalidade da gente e a fertilidade das terras somam-se a aspectos negativos resultantes: tais fatores tornariam o povo das Minas Gerais um povo preguiçoso, com pouca propensão ao trabalho. A própria possibilidade de enriquecer repentinamente, advinda da presença de ouro e outros metais preciosos, seria, de certa forma, contrária a um trabalho contínuo e assíduo. Alguns viajantes ressaltaram a “simplicidade dos mineiros e a sobriedade dos seus gestos”, seu garbo, suas nobres maneiras e mesmo um gosto pela vida cavalheiresca – sendo encarados como “The tippical Don Quixote” (ARRUDA, 1990, p.59). Com todas essas descrições e apontamentos, ratificados constantemente ao longo dos anos, criou-se a mitologia da mineiridade.

Nascido em Araxá, Chico Alvim tem uma produção poética que, frequentemente, contrasta com a ideia de mineiridade erigida e reforçada através dos tempos. Sua poesia consiste, na sua maior parte, de poemas curtos, flashes da vida cotidiana, esmerando-se na composição de uma “poesia de extração da fala” (CAMENITZKI, 2005, p. 12). De fato, tornou-se comum entre os críticos a referência ao ensaio incompleto de Cacaso<sup>3</sup> para definir a poesia de Chico Alvim: sua atitude básica seria *ceder a vez, ceder a voz*, recolhendo e observando o que vem de fora e compondo sua poesia de falas diversas, anônimas, a partir das

---

<sup>3</sup> CACASO, *O poeta dos outros*. In: HOLLANDA, 1981, p. 3

quais muito se pressupõe e se adivinha. Seus poemas, lidos individualmente, oferecem dificuldades para a compreensão; a busca do sentido na leitura de sua obra é como a composição de um mosaico, em que cada pequeno verso lido conjuga-se a outros na evocação de um ambiente provinciano, conservador, por vezes doméstico e bem típico do que frequentemente vemos ligado a Minas Gerais.

Alguns poemas possuem referências explícitas que nos indicam que o ambiente que compõem é o de Minas Gerais; é o caso de poemas como “Nava”, cuja compreensão requer minimamente o conhecimento da vida do poeta Pedro Nava e que traz à tona o conservadorismo familiar mineiro; temos, no poema “Avais”, uma referência direta ao Banco Mineiro da Produção, bem como de uma viagem ao Rio; e em “Titia”, aparece um menino cortando um pedaço do jornal “Estado de Minas”. Enquanto “Velho”, “Bisavô”, “Serviço” e “Os novos” estão entre os poemas que compõem um ambiente doméstico, marcado ou pela senilidade que se encerra na própria casa ou pelo trabalho da mãe ou da empregada em oposição ao ócio dos jovens, “Fazendas”, “Quando eu era moleque”, “Zé” e “Gambá” constroem um espaço rural em que se enfileiram grandes fazendas e no qual convivem a abastada classe dos donos das terras e os trabalhadores e crianças em suas atividades cotidianas. “Conversa” é um gostoso retrato dos sermões dos pais autoritários do interior de Minas, ao passo que “Vantagem”, “Ora veja” e “Olha” (estes dois últimos do livro *Elefante*) demonstram o preconceito dos mineiros contra os negros e os afrodescendentes.

Evidentemente, a análise exaustiva de todas as características, paisagens e cenas que a poesia de Chico Alvim permite não é objetivo deste trabalho. Buscamos, mais especificamente, deslindar a imagem do homem das Minas Gerais que se deixa entrever a partir das vozes dos poemas de Alvim, e como ele reescreve, a seu modo, a história das relações entre os membros das classes abastadas e os trabalhadores nas Minas Gerais. Utilizamos como *corpus* para essa análise alguns poemas do livro *O corpo fora*, publicado em 1988.

### **Analisando os poemas**

Em seu livro *O Corpo fora*, encontramos uma multiplicidade de vozes anônimas que vão desde crianças em conversa com os pais até diálogos de pequenos comerciantes. Alguns de seus poemas se unem para formar a imagem dos donos de grandes terras, dos herdeiros de latifúndios e ricos fazendeiros, com comportamentos por vezes cruéis e repreensíveis. Um

bom exemplo pode ser captado na análise dos poemas “Herança” e “Favor, por que por favor?”, ambos retratos do processo de aquisição de uma herança:

HERANÇA  
Quem deu pra ele?  
Ele tomou  
Disse que era dele

FAVOR, POR QUE POR FAVOR?  
O que se herda  
Não se pede emprestado

O primeiro poema transcrito retrata uma conversa cujo assunto é a tomada de alguma propriedade – possivelmente de terras – por uma pessoa não discriminada. Pelo que se pode compreender apenas pelos versos, os participantes da conversa estão discutindo o processo de apropriação de tal propriedade por parte de alguém, e tal processo não foi devidamente legitimado, visto que “Ele tomou / Disse que era dele”. Relacionando os versos com o título, percebe-se que tal propriedade em disputa era uma herança. Evoca-se claramente a difícil situação da divisão de bens após a morte de algum familiar, e surge a figura do homem intransigente que, sem querer saber das disposições legais e da divisão justa, toma para si a herança como se lhe pertencesse, pura e simplesmente, por direito. Essa imagem está em clara consonância com os apontamentos de Arruda no que diz respeito ao apego a terra e aos bens do mineiro (1990, p.58), embora haja flagrante contraste com certas características positivas atribuídas ao homem de Minas.

O poema seguinte possui a mesma ideia; contudo, parece-nos que desta vez, os dois versos do poema são falas próprias do típico homem herdeiro, que tomou suas terras sem consentimento dos outros envolvidos no processo legal. Tal fala é uma justificativa e também uma afirmação de posse e poder sobre a propriedade: não é necessário pedir “por favor” por algo a que se tem pleno direito. Mais uma vez, o título tem papel importante, sendo parte, na realidade, do discurso do citado homem e pressupondo, ainda, um pedido ou uma admoestação de outra voz ausente no poema que teria motivado as palavras do eu poético.

A imagem que se cria a partir da leitura dos poemas acima é de uma relação tensa entre os candidatos a uma herança, em que um homem se faz valer pela força, pela autoridade ou por uma suposta legitimidade ainda não ratificada. Adivinham-se características como cobiça, ignorância, mau humor e seriedade – bastante diversas das que comumente são atribuídas aos homens mineiros. Se recorrermos ao texto “Aí está Minas: a mineridade”, de Guimarães Rosa, poderemos colher uma série de características elencadas por ele como

típicas do mineiro, como “*amante da ordem*”, “*bondoso*”, “*cumpridor*”, “*cordato*”, “*honrado*”, “*justo*”, entre muitas outras (ROSA, 1967); ora, o homem que se adivinha por trás de “Herança” e de “Favor, por que por favor” não possui nenhuma dessas qualidades, compondo, na realidade, uma personalidade mesmo oposta. A poesia de Alvim traz à tona fatos e vozes mineiras que desconstroem o mito da mineiridade canônica, pondo em relevo a parcela de Minas de homens brutos e pouco justos.

Caminhando no mesmo sentido, temos o poema “Aqui dentro”:

AQUI DENTRO  
Já tive de matar

Título e verso compõem a enunciação de uma confissão. Pelo quadro criado pelos demais poemas, é possível evocar a imagem de uma grande fazenda em que a relação entre fazendeiro e empregado se harmoniza a custo; entretanto, é possível interpretá-lo também à luz da dimensão psicológica do homem de Minas: o homem sério e reservado, que mataria dentro de si (“aqui dentro”) sentimentos de raiva, dor, tristeza, inveja ou inquietação. Se lemos o poema interpretando o espaço delimitado pelo título – “aqui dentro” – como uma propriedade de terra de um homem abastado, vemos que a violência vem disfarçada de necessidade, mais uma vez pintando um quadro em que as leis pouco valem – a não ser aquelas criadas pelo próprio dono da terra. Afasta-se, uma vez mais, do cordato estereótipo do mineiro descrito por Rosa e por muitos outros e aponta-se para um homem autoritário e apegado a terra.

Um último poema que dialoga com os três primeiros e, de certa forma, demonstra explicitamente uma visão mais ferina ainda a respeito de um membro de classe abastada é *Ortodoxia*:

ORTODOXIA  
Chego a entender o  
Stalin  
Para fazer a reforma agrária  
teve que matar  
10 milhões de camponeses  
Tratamento, que tratamento?  
Desculpe o racismo mas  
terapia de crioulo é trabalho

Pela voz da mesma entidade locutora dos poemas anteriores, exprime-se uma visão conservadora e intolerante com relação ao trabalhador e aos afrodescendente. Não se passando necessariamente dentro do contexto de uma propriedade rural, *Ortodoxia* reflete a

opinião parcial e elitista de quem se encontra em posição socialmente confortável. A menção a Stálin revela o caráter autoritário da opinião dos grandes fazendeiros e homens de posses, e a “compreensão”, por parte do locutor, da morte de dez milhões de homens por parte do ditador russo abre-lhe espaço para, por sua vez, desejar também a morte de trabalhadores rurais. Os cinco primeiros versos revelam um afastamento e mesmo animosidade pela parcela pobre do povo, em um tom que torna razoável mesmo matá-los para a melhoria das condições de vida.

Nos três últimos versos, o mesmo tom permanece em um outro sentido; pressupõe-se, mais uma vez, a interferência de um outro falante que não tem voz explícita no poema, mas que contesta a necessidade de tratamento de um “crioulo”. A resposta do locutor é breve e preconceituosa: “terapia de crioulo é trabalho”. Antes, porém, da resposta completa, ele ainda chega a pedir desculpas pelo ato de racismo que comete – o que não faz, evidentemente, com que se deixe de cometê-lo.

Em nossa análise, percebemos que, longe de prendermo-nos apenas às referências textuais, foi necessário que imaginássemos todo o contexto em que elas se desenvolvem. Esse contexto é composto, como já referido, pela leitura dos diversos poemas que compõem o livro e trazem à tona imagens de um contexto interiorano e conservador de Minas Gerais. Expressando na poesia as “falas” de certa parcela da população, a poesia de Chico Alvim pouco oferece apenas com os versos que escreve, mas guarda a sua riqueza em tudo que não foi passado para o papel e que fica subentendido na leitura de sua obra. Assim, as relações sociais, o contexto da casa mineira, os relacionamentos conjugais, o racismo, a tristeza e a decrepitude da velhice, todos esses elementos estão presentes na obra por uma ausência; as realidades são evocadas pela leitura dos poemas-registro cuja referencialidade vai muito além do texto escrito, apontando para um conjunto de experiências sedimentadas no nosso imaginário.

Os quatro poemas analisados conjugam-se ao construir um novo estereótipo de mineiro – mais especificamente do fazendeiro em boa condição financeira – que, ao invés de *afável*, é indiferente; ao invés de *benevolente*, é sisudo e, por vezes, cruel; ao invés de *cumpridor*, cria suas próprias regras a serem cumpridas, não se importando com os outros homens que estão abaixo de sua autoridade e ainda, por vezes, se enfadando com eles. Não apenas por esses curtos poemas, Chico Alvim é um poeta cuja obra vai de encontro ao mito de Minas e do mineiro, dando nova luz a insidiosos fatos, relações e acontecimentos da vida em Minas Gerais.

## Referências

- ALCIDES, Sérgio. Elefante à vista. In: **Inimigo Rumor**, Rio de Janeiro, ed. janeiro-julho, n.6, 1999.
- ALVIM, Francisco. **Poemas**. São Paulo: Cosac & Nascif, 2004.
- ANDRADE, Paulo. Tensões entre política e estética na poesia brasileira do século XX. I Encontro Nacional do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL). **Anais do I Encontro Nacional do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL)**. Araraquara, 2009.
- ARRUDA, Maria do Nascimento. **Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- CAMENIETTZKI, Eleonora Ziller. Ao rés da fala: alguns comentários sobre a poesia de Chico Alvim e Ferreira Gullar. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro: 7letras, n. 12, p. 11-23, janeiro-julho, 2005.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Ceder a vez, ceder a voz. **Jornal do Brasil**, 12 dez. 1981.
- IGLÉSIAS, Francisco. História, política e mineiridade em Drummond. In: PAULA, João Antonio de (Org.). **História e Literatura: ensaios para uma história das ideias no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MASSI, Augusto. Conversa dentro e conversa fora. In: **Inimigo Rumor**, Rio de Janeiro, ed. janeiro-julho, n.6, 1999.
- ROSA, João Guimarães. Aí está Minas: a mineiridade. **Suplemento Literário do Minas Gerais**, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v.2, n. 65, p.3, Nov. 1967.
- RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2008.
- SCHWARZ, Roberto. Elefante Complexo. **Jornal de Resenhas**, Folha de São Paulo, 10 fev. 2001, p. 1-2.

**Texto recebido em 26/04/12.**

**Aprovado em 30/08/12.**